

Bolsonarismo, isolamento social e constituição da esfera pública

Marcio Moretto Ribeiro¹⁴

Um amplo setor da sociedade assistiu de maneira estarecida ao pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro no dia 24 de março em que ele defendeu que “devemos sim voltar à normalidade”. Naquele dia, mais de 15 mil mortes espalhadas principalmente em países da Ásia e da Europa já haviam sido confirmadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Entre os cientistas, já havia se estabelecido o consenso de que o distanciamento social era a única medida efetiva para evitar o colapso do sistema de saúde e impedir uma catástrofe ainda maior do que a que se anunciava. Seguindo a linha do pronunciamento presidencial, a preocupação chegou ao Brasil no começo de fevereiro quando um grupo de brasileiros foi resgatado de Wuhan, epicentro da pandemia. Desde então, o consenso científico internacional foi incorporado ao debate público nacional. Assim, num certo espaço discursivo — cujo público é muitas vezes confundido com a totalidade da sociedade — tal consenso se formara rapidamente. Para esse setor da sociedade, o discurso presidencial, que menosprezava a doença como “gripezinha ou resfriadinho” e apressava em muito a volta à normalidade, soava absurdo.

A ilusão de que o espaço discursivo reverberado na grande imprensa representa a sociedade levou muitos a acreditar que o

¹⁴ Docente da EACH/USP e coordenador do Monitor do Debate Político no Meio Digital.

discurso presidencial seria respondido com perda de apoio. De fato, em um primeiro momento foi isso que se observou. Nos comentários da postagem do pronunciamento na página oficial de Bolsonaro no Facebook, por exemplo, dezenas de autoprotoclamados ex-apoiadores do presidente condenaram o teor da fala. Abaixo dois comentários anonimizados para ilustrar o ponto¹⁵:

“Sr. Presidente, sou uma apoiadora em tudo até agora... Porém, colocar nossas crianças em risco, e dizer que todos devem voltar a sua rotina normal, talvez seja um tiro no pé, acredito na sua fé e tenho fé, todos estamos preocupados com nossos parentes queridos talvez o senhor [tenha] se precipitado nas suas palavras... e quero muito acreditar nisso...”

“Presidente, sempre te defendo, mas me decepcionei demais com o discurso de hoje, não deixa as pessoas correrem esse risco agora, olha o que está acontecendo nos outros países.”

Nos dias que se seguiram, porém, como em muitos outros episódios envolvendo polêmicas como essa, Bolsonaro teve um ganho expressivo de seguidores em todas as suas contas nas principais mídias sociais (Tabela 1). As pesquisas de opinião nos meses que se seguiram indicaram que, embora a quantidade de pessoas que desaprovam o governo tenha crescido consideravelmente, isso não refletiu em perda de apoio¹⁶:

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/monitordebatepolitico/posts/2937975072930603?__tn__=K-R>. Acessado em 27 de junho de 2020.

¹⁶ Pesquisas do DataFolha indicam que a porcentagem de brasileiros que avalia o governo como ruim/péssimo cresceu de 30% no começo de abril de 2019 para 43% em maio de 2020. Neste mesmo período, o percentual que avalia o governo como ruim/péssimo oscilou sempre dentro da margem de erro em torno de 33%. Disponível em <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2020/05/27/5aabciel8238c225b8a943e4b6ed8a9802pand5.pdf>>. Acessado em 27 de junho de 2020.

Tabela 1: Comparação do número de novos seguidores das contas de Bolsonaro nas quatro principais plataformas de redes sociais entre os dias 24 e 26 de março e a média de 72 horas em um período de um ano.

Plataforma	Média dos intervalos de 72h	De 24 a 26 de março
Facebook	7,1 mil	71 mil
YouTube	12 mil	50 mil
Instagram	38 mil	147 mil
Twitter	35 mil	77 mil

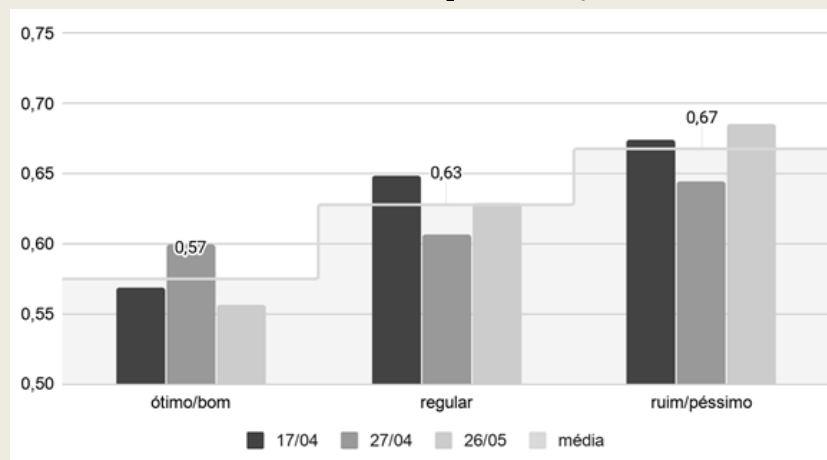
Fonte: Monitor do Debate Político no Meio Digital

Esse descompasso entre o consenso formulado na esfera pública tradicional e a recepção do pronunciamento por um setor numeroso da sociedade é um bom ponto de partida para se buscar compreender o contexto social e político que elegeu e dá sustentação para o atual governo. Para compreender o fenômeno, em primeiro lugar, é preciso desidealizar essa arena discursiva em que são formuladas e debatidas ideias e que eventualmente constrói consensos. Essa arena, a que chamamos de esfera pública, tem uma história complexa que remete ao período mercantil e está associada a formação da burguesia como classe social (HABERMAS, 2014). Resgatar esse caráter histórico da esfera pública nos ajuda a desmistificá-la, mas não é suficiente. Seguindo uma literatura crítica mais recente, o segundo passo é compreender que a esfera pública burguesa não é a única esfera de debate e formulação de ideias. Embora se proponha a ser universal e se proponha a abarcar o contraditório, essa esfera pública é intrinsecamente excludente. Seus mecanismos de exclu-

são promoveram que setores sociais em diferentes contextos tenham formado esferas públicas alternativas ou contrapúblicos nos termos desses autores (FRASER, 1997; WARNER, 2002).

Mesmo falando para um público específico, o discurso surtiu efeito. As pesquisas do DataFolha realizadas nos dias 17 e 27 de abril e 26 de maio — feitas por telefone para respeitar o distanciamento social — indicam que o distanciamento social foi menor entre aqueles que avaliam bem o desempenho do governo perante o surto de coronavírus. Em uma escala de isolamento social autodeclarado que vai de 0 (“vivendo normalmente”) a 1 (“totalmente isolado”) a média cresce com a avaliação do governo nas três pesquisas. A média de isolamento entre aqueles que avaliam o desempenho do governo como bom ou ótimo é de 0,57 e sobe para 0,67 entre os que avaliam como ruim ou péssimo — uma diferença de dez pontos percentuais (VARELA, ZEINE e RIBEIRO 2020). A intenção do discurso de Bolsonaro era de acelerar o relaxamento do distanciamento social para retomar a atividade econômica o mais rápido possível. Mas por que, dentre tantas opções que o chefe do executivo teria — como promulgar uma medida provisória —, sua aposta foi a de buscar influenciar as condutas dos cidadãos por meio de um discurso?

Gráfico 1. Distanciamento social por avaliação de Bolsonaro



Fonte: Datafolha

Bolsonaro foi capaz de articular uma miríade de grupos muito distintos, tanto institucionalmente quanto em sua base de sustentação popular (NOBRE, 2020; KALIL, 2018). Isso foi possível por meio de uma campanha eleitoral extraoficial nas mídias sociais¹⁷ que elencou dois inimigos contra os quais todos esses atores poderiam se unir: o sistema político tradicional e os movimentos feminista e LGBT (ORTELLADO e RIBEIRO, 2018). Assim, a campanha formulou uma retórica que articulou as demandas de dois grandes grupos não disjuntos que se subdividem em grupos menores: punitivistas e conservadores. Em sua retórica populista, o que impede as demandas desses grupos de serem atendidas é uma elite corrupta ao mesmo tempo política e cultural¹⁸.

¹⁷ A campanha de Bolsonaro foi praticamente toda feita extraoficialmente por meios digitais uma vez que a campanha oficial do então candidato teve pouquíssimo tempo de televisão, recebeu muito pouco dinheiro público, as doações de empresas foram proibidas e os comícios foram interrompidos depois que ele sofreu uma facada ainda no começo da campanha.

¹⁸ Estamos seguindo aqui a concepção de populismo como visão de mundo que divide a sociedade em dois grupos homogêneos e antagônicos, elite e povo (MUDDE e KALTWASSER, 2017) e assim articula demandas reprimidas por certo arranjo institucional (LACLAU, 2013).

Foge do tema deste artigo a história do campo punitivista¹⁹. Para a nossa argumentação cabe explorar a outra parte do binômio articulado pelo bolsonarismo. O conservadorismo no Brasil, tal como o compreendemos hoje, se inspira no conservadorismo estadunidense. Este se organizou como uma reação aos movimentos sociais do final dos anos 60. Diferente dos movimentos que os precederam, a segunda onda do feminismo, o movimento negro pelos direitos civis e o movimento LGBT não se voltavam apenas para o estado para reivindicar mudanças, mas também, e principalmente, para a própria sociedade. Para alcançar suas demandas, mais do que mudar leis, esses movimentos enxergavam que era preciso mudar uma cultura machista, racista e heteronormativa. Se é verdade que a sociedade ainda guarda muitos dos vícios denunciados por esses movimentos, é também inegável que eles acumularam conquistas nos anos que se seguiram²⁰. Com cada vez menos espaço na esfera pública tradicional, neoconservadores e a direita cristã passaram a se organizar politicamente em reação a esses movimentos e ao consenso institucional de tornar o estado cada vez mais laico (HARTMAN, 2016). A imagem e semelhança de seus adversários, os conservadores se voltaram para a sociedade e trouxeram nos anos 90 os temas morais — como aulas de religião,

¹⁹ A história do campo punitivista passaria pela formação de um contrapúblico anticomunista (ROCHA 2019; ROCHA e MEDEIROS 2020) e tem como momento chave sua formação como um movimento nas redes e nas ruas no final de 2013 (ORTELLADO e RIBEIRO 2016).

²⁰ Estudando o tema da polarização da opinião pública, DiMaggio, Evans e Bryson (1996) investigaram uma longa série histórica de pesquisas de opinião e concluíram que, diferente do que imaginava a maior parte dos analistas, a tendência média das opiniões sobre quase todos os temas polêmicos tendia, não para a polarização, mas para o consenso progressista. Esse achado corrobora a tese de que as guerras culturais são uma reação conservadora ao avanço das pautas progressistas sobre a opinião das pessoas.

aborto, casamento igualitário, criminalização da homofobia etc. — para o centro do debate político (HUNTER, 1991).

O bolsonarismo tem essa característica marcante que o neo-conservadorismo herdou dos novos movimentos sociais: ele se volta para a sociedade buscando mudar a cultura. Além disso, o populismo autoritário de Bolsonaro se alastrou em um contexto de crise da democracia (MOUNK, 2019; STREECK, 2018; NOBRE, 2013). A retórica populista não enxerga saída pelas vias institucionais. Embora seja o chefe do executivo, Bolsonaro representa um movimento que não acredita na mudança pela via institucional e cuja cultura política é de se voltar para a sociedade, ou para uma parte dela, para mudar a forma como as pessoas pensam e agem.

Quando a esfera pública burguesa se forjou no século XVIII, o debate racional sobre temas políticos desafiou o poder estabelecido. A sociedade que se formava era legitimada pela promessa de que as pessoas que participam do debate público de ideias poderiam eventualmente influenciar o poder público que, ao legislar, muda a sociedade. O discurso de Bolsonaro é uma espécie de inversão desse papel emancipatório da esfera pública. Do posto de presidente da república ele se volta para um certo público para influenciá-lo e assim mudar a sociedade.

Referências Bibliográficas

DIMAGGIO, Paul; EVANS, John; BRYSON, Bethany. (1996), Have American's Social Attitudes Become More Polarized? *American Journal of Sociology*, Chicago, v.102, n.3, p. 690-755, nov. 1996.

HABERMAS, Jürgen. (2014), *Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa*. São Paulo: Unesp.

HARTMAN, Andrew. (2016), *A War for the Soul of America: A History of the Culture Wars*. Chicago: University of Chicago Press

HUNTER, James (1991), *Culture Wars: The Struggle to Define America*. New York: Basic Books

FRASER, Nancy. (1997), "Rethinking the Public Sphere: A Contribution to the Critique of Actually Existing Democracy". In: FRASER, Nancy. *Justice Interruptus: Critical Reflections on the "Postsocialist" Condition*. New York/London: Routledge.

KALIL, Isabela. (2018), *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. Disponível em: <https://www.fesp.org.br/upload/usersfiles/2018/Rlat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>

LACLAU, Ernesto. (2013), *A Razão Populista*. São Paulo: Três Estrelas.

MOUNK, Yascha. (2019), *O povo contra a democracia: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. São Paulo: Companhia das Letras.

MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. (2017), *Populism: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press

NOBRE, Marcos. (2013), *Imobilismo em movimento: Da abertura democrática ao governo Dilma*. São Paulo: Companhia das Letras.

NOBRE, Marcos. (2020), *Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia*. São Paulo: Todavia.

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Márcio M. (2018), *A campanha de Bolsonaro no Facebook: antissistêmica e conservadora, pouco liberal e nada nacionalista*. Disponível em:

<https://www.monitordigital.org/wp-content/uploads/2020/04/NT3-bolsonaro40dias.pdf>

ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Márcio M. (2016), Mapping Brazil's political polarization online. Disponível em: <https://theconversation.com/mapping-brazils-political-polarization-online-96434>

ROCHA, Camila; MEDEIROS, Jonas. (2020), "Vão todos tomar no...": a política de choque e a esfera pública". Horizontes ao Sul. Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/04/27/VAO-TODOS-TOMAR-NO-A-POLITICA-DO-CHOQUE-E-A-ESFERA-PUBLICA>

ROCHA, Camila. (2019), "Menos Marx, mais Mises": uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese de Doutorado em Ciência Política, USP, São Paulo.

STREECK, Wolfgang. (2018), Tempo Comprado: A crise adiada do capitalismo democrático. São Paulo: Boitempo.

VARELLA, Thiago; ZEINE, Leonardo; RIBEIRO, Márcio M. (2020), Eleitores de Bolsonaro respeitam menos a quarentena: três evidências empíricas. Disponível em: <https://www.monitordigital.org/2020/05/06/nota-tecnica-09/>

WARNER, Michael. (2002), Publics and Counterpublics. New York: Zone Books.